

EPIDEMIOLOGIA DO ABUSO SEXUAL EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES NAS CAPITALS NORDESTINAS

*Priscila Quirino Canuto
Samylla Mayra Hortêncio Gouveia
Bresser Kenison Lima Diniz
Liércio Pinheiro de Araújo
Faculdade de Ciências Humanas*

RESUMO: *Objetivou-se desenvolver um estudo epidemiológico da violência sexual contra crianças e adolescente nas capitais nordestinas. Foram levantadas informações mais precisas sobre os casos notificados de acordo com os tipos de violência sexual infanto-juvenil nessas capitais. Foram coletados os números gerais de Crianças e Adolescentes abusados sexualmente, o tipo de violência, o perfil do agressor; o estado onde a violência foi cometida; a idade e o sexo da vítima. Sendo assim foi mantido contato com as instituições responsáveis pelos dados das nove capitais nordestinas. Os dados foram obtidos pela coleta em registros de ocorrências disponibilizados pelas instituições de cada capital.*

PALAVRAS-CHAVE: *Abuso Sexual. Infanto-juvenil. Violência. Capitais Nordestinas.*

ABSTRACT: *Aimed to develop an epidemiological study of sexual violence against children and adolescents in the capitals of the Northeast. We raised more accurate information on cases notified in accordance with the types of sexual violence against children and youth in those capitals. Were collected overall numbers of sexually abused children and adolescents, the type of violence, the profile of the offender, the state where the violence was committed, the age and sex of the victim. So it was in contact with the institutions responsible for the data of the nine capitals of the Northeast. Data were obtained by collecting incident reports available to institutions of each capital.*

KEY WORDS: *Sexual Abuse of Children and Youth. Violence. Northeastern Capital.*

INTRODUÇÃO

Pesquisar a epidemiologia da violência de crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual exige ao pesquisador que saiba, minimamente, em que consiste esse tipo de violência, compreender que tipo de violência se trata, suas características, atos, conseqüências, além de outros relevantes aspectos. Essa compreensão, contudo, deverá tê-la sempre como sendo insuficiente, buscando a todo o momento mais conhecimento, quer práticos, quer teóricos, sobre as diferentes perspectivas.

A violência sexual contra as crianças é uma atividade criminosa e a gravidade torna-a um problema social e requer atenção e tratamento especial. É constituída por atos de natureza sexual praticados por uma pessoa mais velha que a vítima, tipificados como crime, que implica contatos e interações entre um adulto e um menor de idade, sendo este a vítima e aquele o criminoso. Estes contatos e interações podem ser esporádicos ou continuados num período extenso de tempo, visando à estimulação e

satisfação sexual do adulto e podem resultar num conjunto de conseqüências nefastas para a criança, designadamente aos níveis psicológico, físico e psicossocial¹.

No sentido de compreendermos a problemática da violência sexual contra crianças é necessário trabalharmos o conceito de pedofilia, uma perturbação que se insere no grupo das parafilias, segundo a Psiquiatria e Psicologia. Assim, esse distúrbio implica uma perturbação mental grave no indivíduo.

Mas, nem todos os agressores sexuais de crianças são pedófilos. Ou seja: nem todos os indivíduos que exercem algum tipo de violência sexual contra uma ou mais crianças podem ser enquadrados num plano psiquiátrico. A globalidade dos agressores sexuais não é composta somente por pedófilos, ainda que estes nela possam também figurar. Haverá, assim, agressores sexuais psiquiatricamente perturbados e agressores mentalmente saudáveis, pessoas ditas normais.

Apesar da complexidade e da quantidade de variáveis envolvidas no impacto do abuso sexual infanto-juvenil, esta experiência é considerada um importante fator de risco para o desenvolvimento de psicopatologias. A literatura aponta que crianças ou adolescentes podem desenvolver quadros de depressão, transtornos de ansiedade, alimentares, dissociativos, hiperatividade e déficit de atenção e transtorno de personalidade *borderline*. Entretanto, a psicopatologia decorrente do abuso sexual mais citada é o transtorno do estresse pós-traumático. Além disso, estas podem apresentar crenças disfuncionais envolvendo sentimentos de culpa, diferença em relação aos pares e desconfiança (COHEN & MANNARINO, 2000).

A análise epidemiológica de risco avalia a associação entre fatores individuais (tanto da criança quanto do perpetrador do abuso), familiares e/ou ecológicos/contextuais com o evento de interesse. Tem o potencial de estimar a magnitude de um problema de saúde, suas determinações, bem como indicar grupos populacionais que podem ser priorizados na alocação de cuidados à saúde e outras ações de potencial impacto. Estes fatores de risco podem ser considerados como preditores ou como “causas”, dependendo das características do estudo epidemiológico. Assim, do ponto de vista epidemiológico, o abuso sexual de crianças pode ser analisado como evento causador/previsto por outros fatores - Risco de ser abusado ou de ser abusador sexualmente - ou como causa/preditor de outras doenças - O abuso sexual como risco para a saúde - (VANDERVEN & NEWBERGER, 1994). Na primeira situação, o abuso é considerado como desfecho (variável dependente) e outras variáveis como potenciais fatores de risco ou proteção (variáveis independentes ou explanatórias). Na segunda situação, o abuso sexual é considerado como fator de risco para um conjunto de situações de sofrimento ou adoecimento na vida infantil ou, até mesmo, adulta. Para esta abordagem, há farta literatura indicando repercussões na saúde física e mental das crianças que podem ser duradouras.

Ainda não há dados epidemiológicos globais sobre a prevalência do abuso sexual infantil para a realidade brasileira (SAFFIOTI, 1996). No caso específico do incesto, Azevedo e Guerra (1988) em sua análise de 309.313 Boletins de Ocorrência, laudos do Instituto Médico Legal, processos da Vara do Menor e prontuários da Febem na cidade de São Paulo, entre os anos de 1982 a 1984, encontraram 168 casos de crianças e adolescentes vítimas de agressão sexual intrafamiliar (0,05 %), sendo que apenas 6% dos casos eram relativos a meninos. Em contraste, Cohen (2000) aplicou um questionário em 1104 vítimas de violência sexual que apareceram no Instituto Médico-Legal da cidade de São Paulo, encontrando 249 pessoas (22,55%) que foram vítimas de agressão sexual por parte de algum parente.

¹ Crime contra os costumes, caracterizado sobretudo pelo fato de se prestar assistência à libidinagem alheia, ou dela se tirar proveito, e cujas modalidades são o proxenetismo, o rufianismo e o tráfico de mulheres.

O desenvolvimento desta pesquisa se impõe pela necessidade de compreender o perfil das crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual juntamente com o do agressor. Os dados poderão tornar-se referência para a implantação de uma rede de apoio social, jurídico e psicológico nas capitais nordestinas.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa fez uso de material bibliográfico, documental e das anotações do caderno de campo. A relevância social, científica e a atualidade do tema justificam este estudo. A pesquisa desenvolveu-se nas entidades tidas como “portas de entrada” de casos de violência sexual infanto-juvenil das capitais nordestinas, que são: o Centro de Apoio as Vítimas de Crime – CAV-Crime e Centro de Referência Especializado em Assistência Social – CREAS, em Alagoas; o Centro de Atendimento a Vítimas de Crimes – CEAV na Bahia e Paraíba; Associação de Parentes e Amigos de Vítimas de Violência – APAVV, no Ceará; Centro Estadual de apoio a Vítimas da Violência em Pernambuco; Centro de Atendimento a Vítimas de Violência – CEAVV no Rio Grande do Norte.

Os dados coletados foram obtidos através de prontuários e relatórios disponibilizados pelas instituições responsáveis pelos registros em Alagoas, Rio Grande do Norte e Ceará. Nas demais capitais dos outros estados, foi encontrada grande dificuldade na coleta dos dados, visto que, os responsáveis pelos Centros de Apoio não contribuíram com a pesquisa. Foram utilizados vários meios em várias tentativas como forma de contato para solicitação de apoio para a execução da pesquisa, entre eles: ligações telefônicas, contato via e-mail e carta registrada.

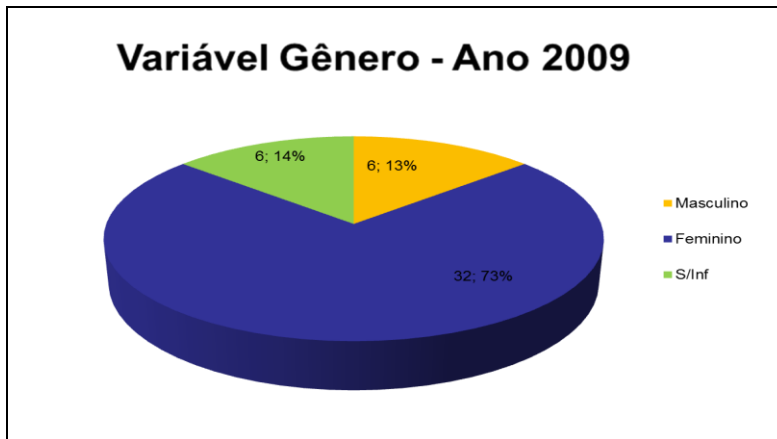
A organização do material foi primordial para o processo de análise, foi indispensável olhar para o conjunto de documentos de forma analítica, buscando averiguar como poderia proceder para torná-lo inteligível, de acordo com o objetivo de investigar os perfis existentes nos diversos tipos de agressão sexual. Todos os documentos foram arquivados em pastas ao mesmo tempo em que demos prosseguimento à coleta. O critério estabelecido para tal organização foi à fonte documental. Para cada documento foi criada uma ficha de leitura contendo resumo dos relatórios e fichas de ocorrência, além de algumas transcrições de trechos que foram utilizados posteriormente.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

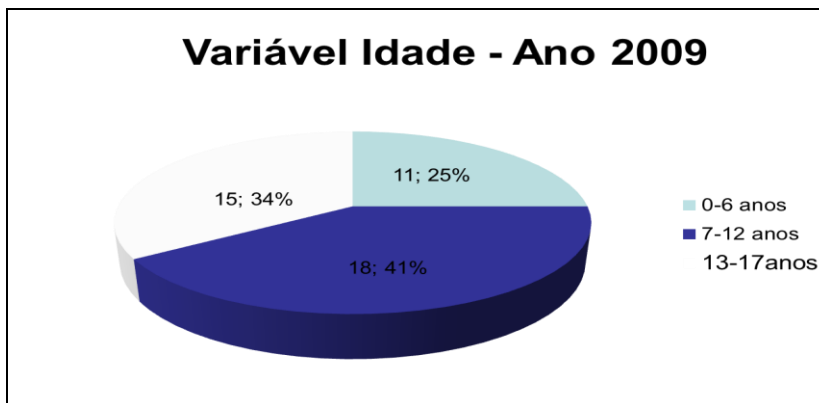
Segue abaixo, os números de casos de abuso sexual coletados entre os anos de 2009 e 2010 nas Capitais Nordesteiras.

Maceió - AL

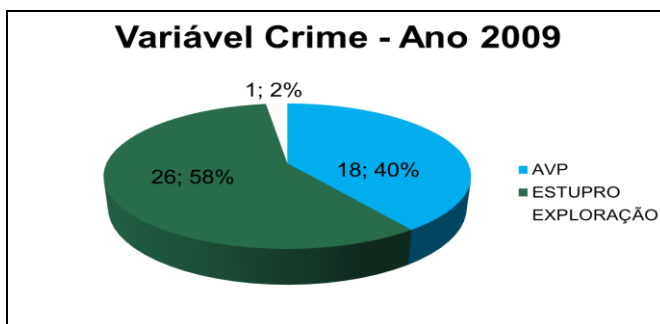
Ano: 2009



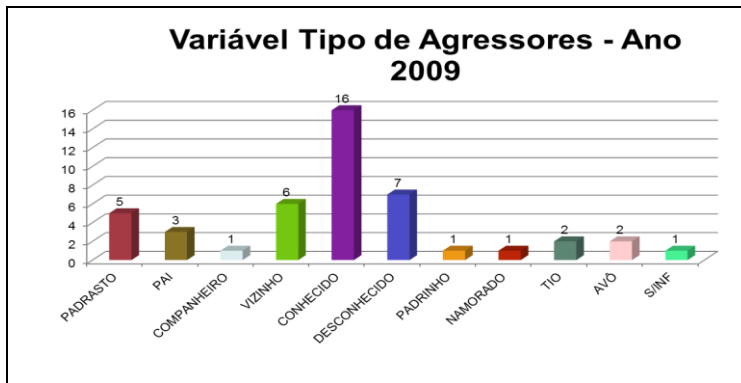
Fonte: Dados da pesquisa



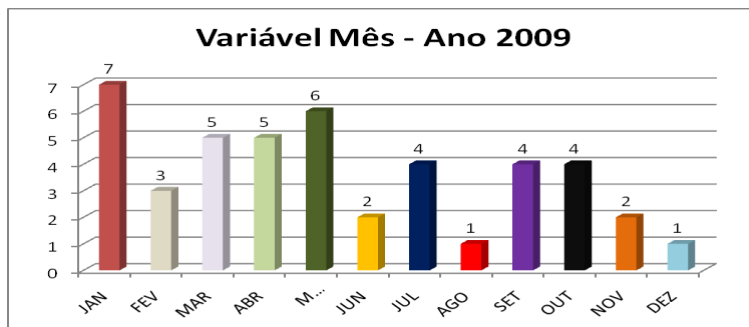
Fonte: Dados da pesquisa



Fontes: Dados da pesquisa

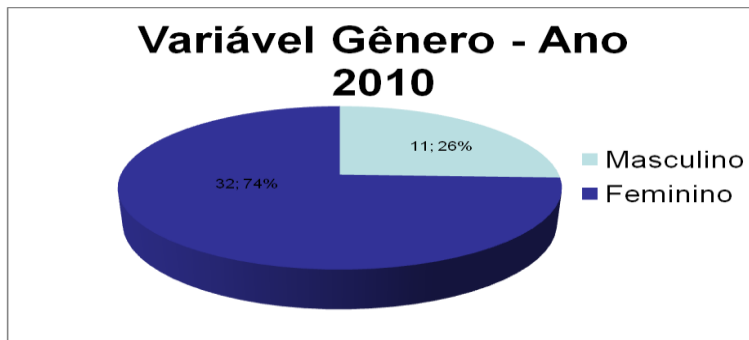


Fontes: Dados da pesquisa

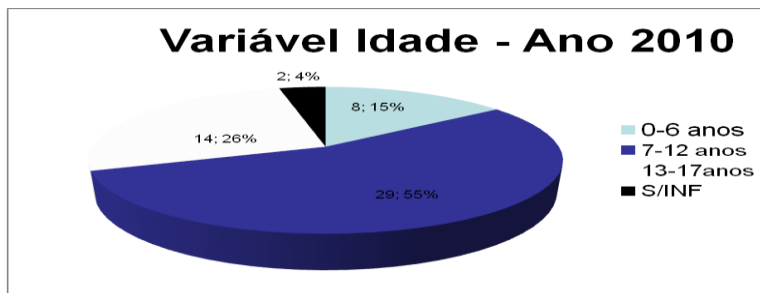


Fonte: Dados da pesquisa

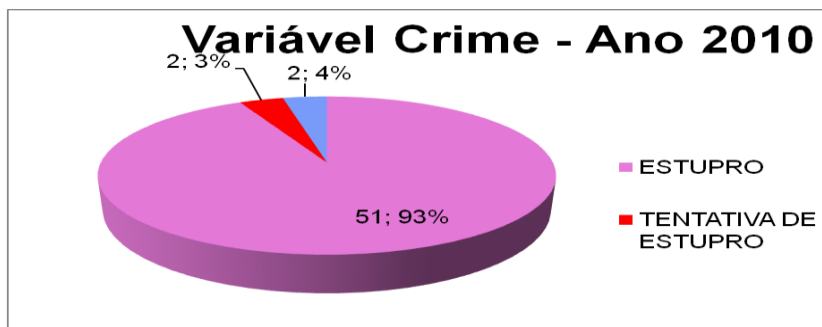
Ano 2010



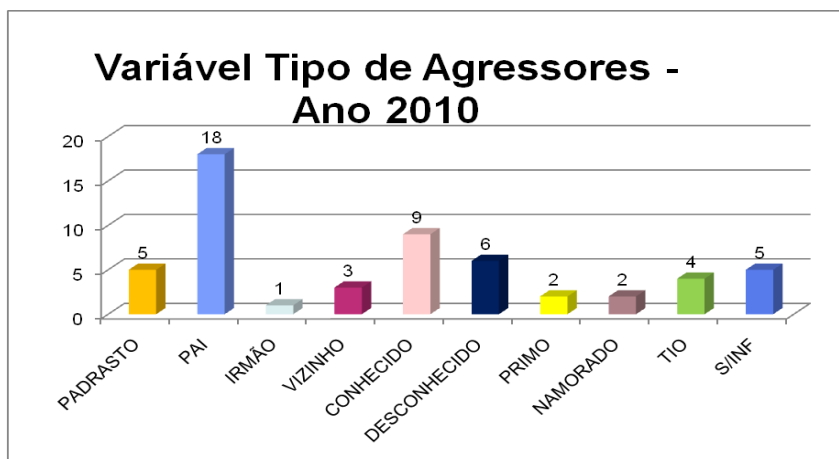
Fonte: Dados da pesquisa



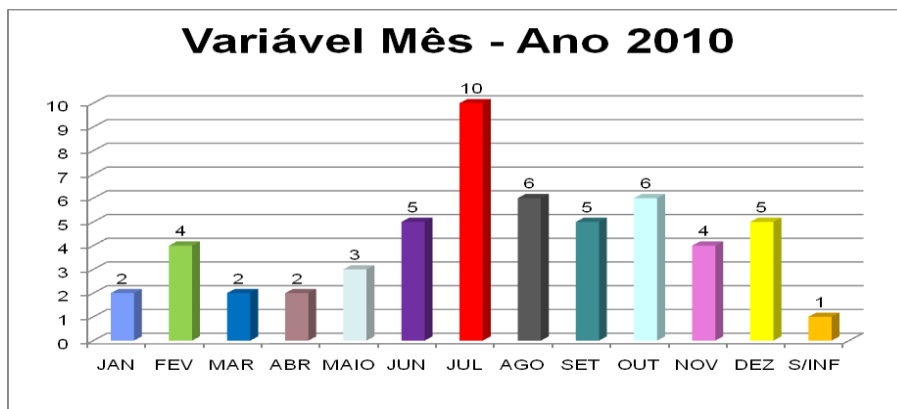
Fonte: Dados da pesquisa



Fonte: Dados da pesquisa



Fonte: Dados da pesquisa



Fonte: Dados da pesquisa

Como se pode verificar, não há um modelo de parâmetro único a ser seguido pelas instituições de Maceió, no tocante registro de casos, a forma como os dados coletados são registrados variam de instituição em instituição. Em Maceió, na variável sexo foi verificado que a maior incidência de denúncias ocorreu no sexo feminino; na variável idade constatou-se nos dois anos pesquisados que a maior incidência ocorreu em vítimas de 7 a 12 anos, vale ressaltar que essa faixa etária não corresponde necessariamente à idade em que ocorreu o crime, mas sim, ao ano de denúncia, podendo a vítima estar sendo abusada desde muito cedo.

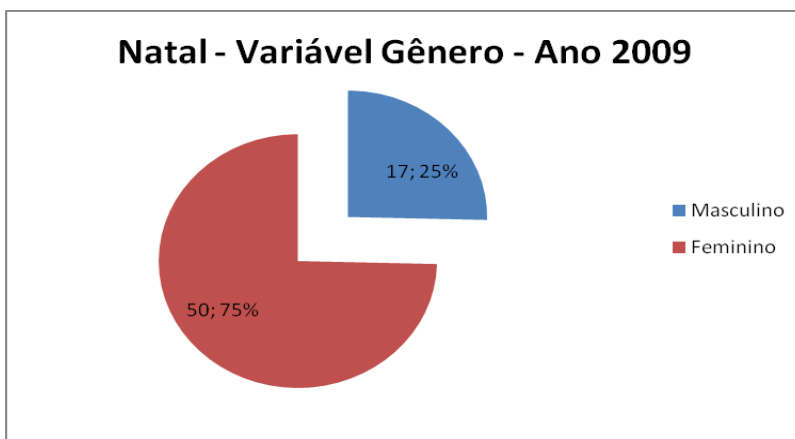
Já com relação ao agressor, o que se pode verificar é que o abuso sexual ocorre no ambiente intrafamiliar sendo o pai e o padrasto os principais agressores, ainda neste

ponto, é importante relatar uma falha nos registros, em muitos casos o agressor estava especificado como “conhecido”, não sendo possível identificar quem era esta pessoa, se conhecido da vítima ou do familiar, visto que, como estamos lidando com vítimas menores de idade, sua grande maioria são crianças. No tocante tipo de crime, verificou-se que o estupro é o delito mais cometido dentre os crimes sexuais.

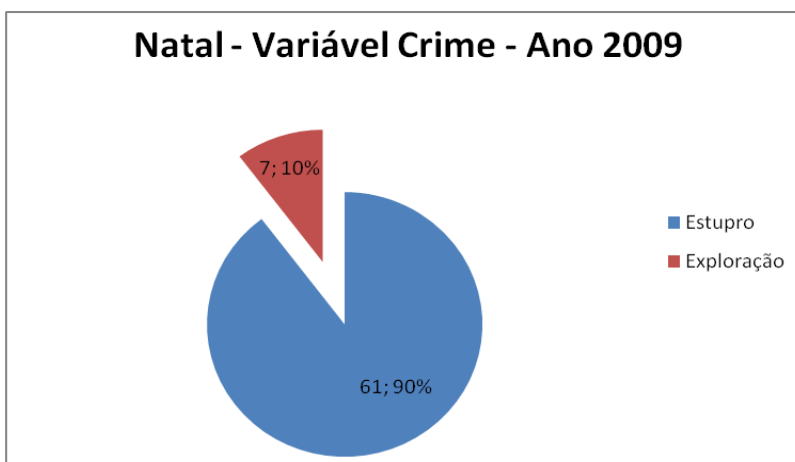
Tomando por base os anos de registro pesquisados, foram apurados 44 casos de denuncia no ano de 2009 e 54 no ano de 2010, tendo em 2009 o mês de janeiro como o mês de maior incidência de denuncias e no ano de 2010 o mês de julho como o mês de maior incidência, o que nos leva questionar se existe relação entre o fato de serem estes, meses de férias escolares e com isso a criança passa mais tempo em sua residência, com o fato de o agressor estar inserido dentro do ambiente familiar, já que de acordo com a teoria e com os dados já coletados desta pesquisa o ambiente em que ocorre mais casos de abuso sexual é o doméstico.

Natal- RN

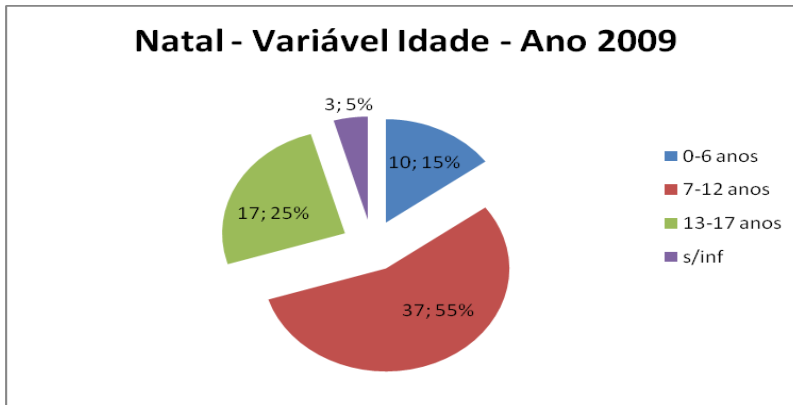
Ano: 2009



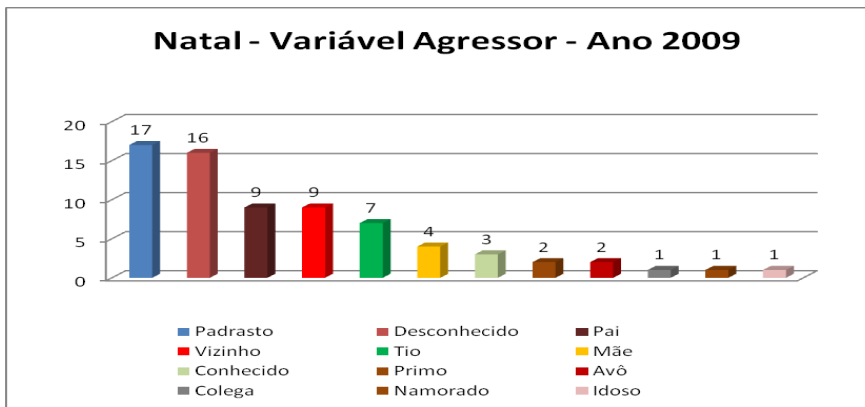
Fonte: Dados da pesquisa



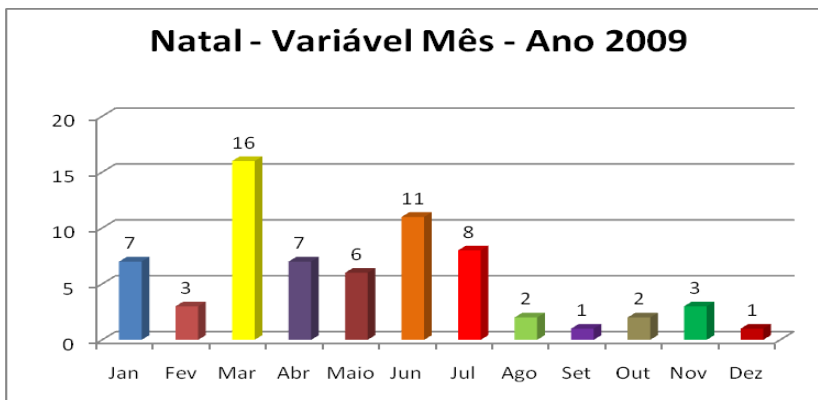
Fonte: Dados da pesquisa



Fonte: Dados da pesquisa

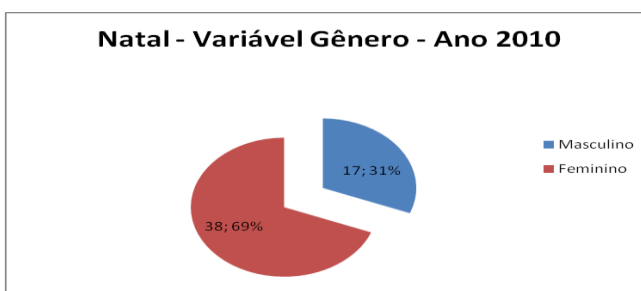


Fonte: Dados da pesquisa

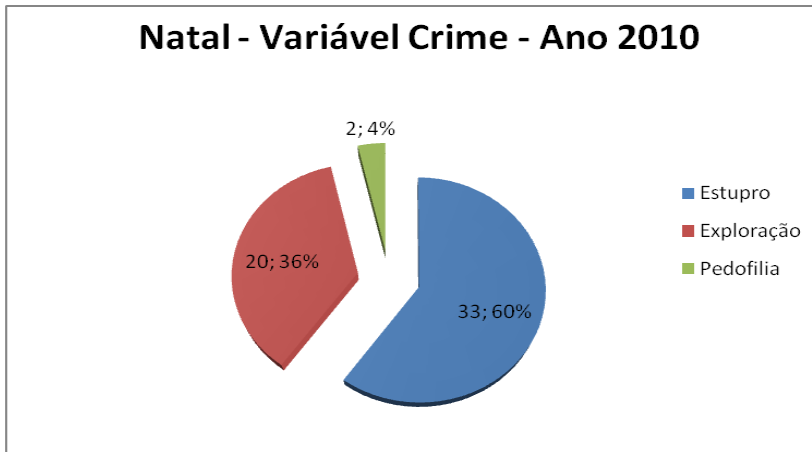


Fonte: Dados da pesquisa

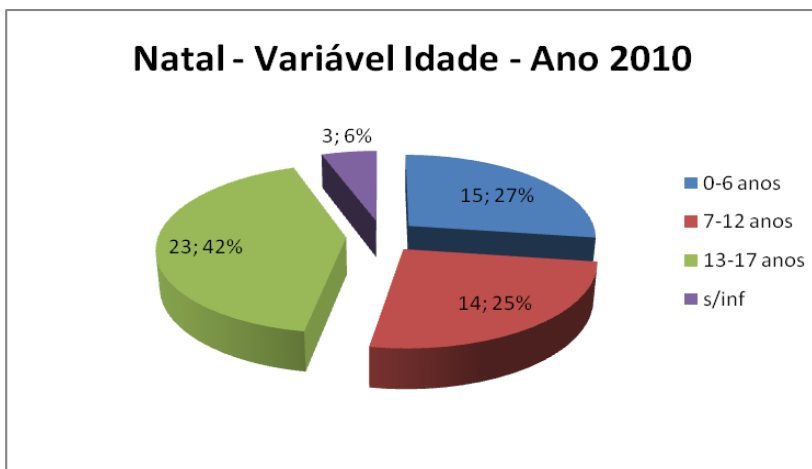
Ano: 2010



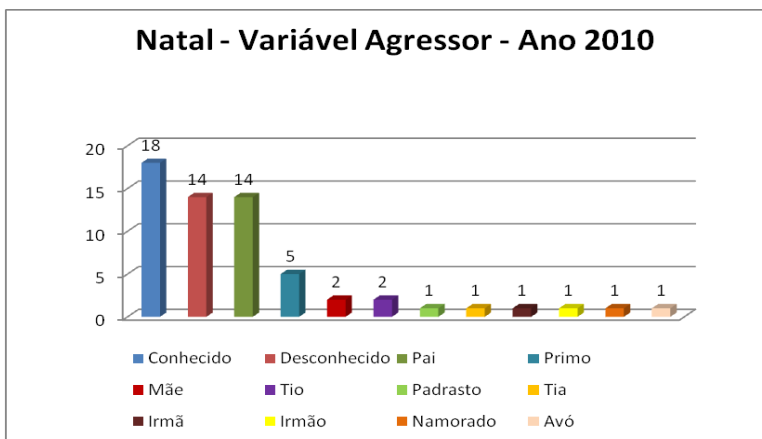
Fonte: Dados da pesquisa



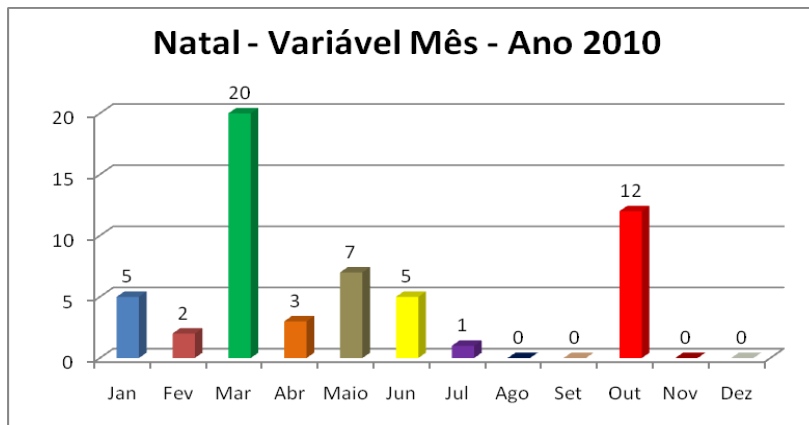
Fonte: Dados da pesquisa



Fonte: Dados da pesquisa



Fonte: Dados da pesquisa



Fonte: Dados da pesquisa

Na capital do RN, pode-se verificar que com relação ao tipo de violência cometida houve um acréscimo no número de exploração sexual no ano de 2010 onde se obteve 36%, se comparado ao número de 2009 que obteve 10%, esse acréscimo é inversamente proporcional se comparado com o número de casos de denúncia de estupro, que em 2009 teve 90% e em 2010 um decréscimo para 60%.

Na variável sexo foi comprovado, como já era previsto, que a maior incidência de denúncias ainda ocorre no sexo feminino. Já na variável idade constatou-se nos dois anos pesquisados que a maior incidência em 2009 ocorreu em vítimas de 7 a 12 anos e em 2010 ocorreu em vítimas de 13 a 17 anos ressaltando mais uma vez, que essa faixa etária não corresponde necessariamente a idade em que ocorreu o crime, mas sim, ao ano de denúncia, podendo a vítima estar sendo abusada desde muito antes.

Tomando por base agora a relação com o agressor, o que se pode verificar ainda é que o abuso sexual ocorre também no ambiente intrafamiliar sendo o padrasto o principal agressor no ano de 2009, seguido de desconhecidos e pai, respectivamente. Ainda nesta variável, é importante relatar uma pequena falha nos registros das notificações, em 16 casos o agressor está especificado como “desconhecido”, não sendo possível identificar se esta pessoa é desconhecida da vítima ou do familiar, salvo que, como estamos lidando com menores de idade, sua grande maioria são crianças. Já no ano de 2010 nos deparamos com essa mesma falha, tendo como principal agressor os “conhecidos”, que podem estar ou não diretamente ligados ao ambiente intrafamiliar, visto que em muitos casos a vítima ou a família do menor “protege” este agressor por medo, vergonha, ou dependência psico-emocional. Em segundo lugar ficaram os desconhecidos, seguidos de pais e primos, o que nos leva a perceber mais uma vez que o agressor está dentro do ambiente intrafamiliar.

No tocante mês, verificou-se que março foi o mês em que mais houve notificações de abuso sexual nos dois anos pesquisados, com 16 e 20 denúncias, respectivamente; e o ano de 2009 o ano em que ocorreu mais denúncias, 67, se comparado ao ano de 2010 onde ocorreram 55 denúncias.

A capital do CE nos mandou uma tabela de quantidade de denúncias de violência recebidas e atendidas no ano de 2009, onde na mesma constam números de diversos tipos de crime como: violência física e psicológica, negligência familiar, estupro e exploração sexual e “outras” sendo estas especificadas como: situação de risco, abandono, desvio de conduta, fuga do lar, rapto, cárcere privado, entre outras.

Desta forma, este número é geral e não somente de denúncias de abuso sexual infanto-juvenil como proposto em nossa pesquisa, fazendo com que esses dados não contemplem o objeto de estudo desta pesquisa.

CONCLUSÃO

Diante do que foi pesquisado, levando em consideração as dificuldades encontradas na coleta e análise dos dados, foi verificado que a grande maioria dos abusadores sexuais infanto-juvenis encontram-se em convivência com a criança no ambiente familiar, a faixa etária onde prevalece mais denúncias está entre 07 e 12 anos, os números de denúncias anuais em Maceió são crescentes o que leva a crer não que estejam aumentando os casos de abuso sexual, mas que o assunto está sendo melhor divulgado e discutido e as pessoas estão perdendo o receio da denúncia; em Natal este número foi decrescente, o que nos fez questionar o motivo pelo qual esse número caiu, visto que diante da discussão sobre o abuso sexual ser a cada dia crescente e de âmbito nacional esperávamos um número também maior de denúncias, pois sabemos que a problemática existe e que está longe de estagnar, quiçá regredir. O tipo de crime mais praticado é o estupro e o sexo prevalente das vítimas desse tipo de crime é o sexo feminino.

Sabe-se que a criança vítima de abuso sexual tem uma necessidade fundamental de ser acreditada e por isso é fundamental o papel dos psicólogos e da sociedade em conhecer e compreender o fenômeno em toda a sua complexidade. Por isso a criança não deve ser deixada sozinha, da mesma maneira que os próprios técnicos também o não deverão fazer, pois é pela possibilidade de falar do sucedido e de refletir com outros, no seio da sua equipe ou de um grupo de discussão, que eventualmente serão encontradas algumas respostas a este crime.

REFERÊNCIAS

AMAZARRAY, M. R. & KOLLER, S. H. Alguns aspectos observados no desenvolvimento de crianças vítimas de abuso sexual. *Revista de Psicologia Reflexão e Crítica*, 11(3), 546-555, 1998.

AZEVEDO, M.A. e GUERRA, V.N.A. *Pele de asno não é só estória: um estudo sobre a vitimização sexual de crianças e adolescentes em família*. São Paulo: Editora Roca, 1988.

BRAUN, S. *A violência sexual infantil na família: do silêncio à revelação do segredo*. Porto Alegre: Age, 2002.

COHEN, C. O incesto. Em M. A. Azevedo e V.N.A. Guerra (orgs.). *Infância e violência doméstica: Fronteiras do conhecimento*.(pp. 211-225). São Paulo: Editora Cortez, 2000.

COUTO, M.T., Valença, O. Visibilidade/invisibilidade no estudo epidemiológico do abuso sexual contra meninas na cidade de São Paulo e Zona da Mata de Pernambuco. In: *Congresso Brasileiro de Epidemiologia*. Curitiba, 2002.

GIL, S. *Pesquisa Documental em Ciências Humanas*. São Paulo: Atlas, 2002.

GONÇALVES, H. S. & FERREIRA, A. L. A notificação da violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes por profissionais da saúde. *Caderno de Saúde Pública*, 18(1), 315-319, 2002.

FINKELHOR, D. The international epidemiology of child sexual abuse. In: *Abuse and Neglect*, 18, 409-417, 1994.

FURNISS, T. *Abuso sexual da criança: uma abordagem multidisciplinar*. falta tradutor Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

HABIGZANG, L. F. & CAMINHA, R. M. *Abuso sexual contra crianças e adolescentes: Conceituação e intervenção clínica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

HABIGZANG, L. F., KOLLER, S. H., AZEVEDO, G. A. & MACHADO, P. X. Fatores de risco e de proteção na rede de atendimento a crianças e adolescentes vítimas de violência sexual. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 2004.

LÜDKE, K. J. *Metodologia da Pesquisa Documental*. São Paulo: Artmed, 1986.

MEICHENBAUM, V. *Epidemiologia Crítica em casos de violência familiar*. São Paulo: Summus, 1994.

SAFFIOTI, H. No fio da navalha: Violência contra crianças e adolescentes no Brasil. Em F.R. Madeira (org.), *Quem mandou nascer mulher?* (pp. 135-211). Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1997.

VANDERVEN, A.M., NEWBERGER, E.H. *Child abuse*. *Ann. Rev. Public Health*, v.15, p.367-79, 1994